

O cultivar

Um dos índices determinantes de humanidade, talvez o elemento mais importante que nos aproxima de nossos antepassados, é a produção de cultura. Este conceito complexo e dotado das mais distintas sutilezas é debatido e empregado por cientistas para a delimitação da tênue linha que nos separa dos chamados animais irracionais.

É o estabelecimento de uma relação com o simbólico e a agregação de valores a períodos, objetos e processos que irá marcar nossa presença no mundo dos significados. A partir de um determinado instante o homem passa a dotar de valores ritualísticos a objetos e a subjetivar. Neste momento ele começa a fixar-se num território, criar relações com o lugar. Ele assenta-se e neste percurso deixa de apenas coletar para constituir uma noção de cultivo.

Num território da pré-história um grupo de homínídeos percebe que determinadas sementes, dispensadas no solo, brotam. Surge a agricultura; fixam-se as tribos; constroem-se as cidades. Num fluxo secular o ser humano vai articulando relações com o simbólico e nesta configuração a arte é um dado sempre presente. Não há como desassociar estes dois elementos. Deste encontro epifanias nasceram.

O homem não apenas se vale da natureza para organizar sua sobrevivência, mas a transforma, modificando e organizando, reinventando o próprio conceito de natureza. E não estamos falando apenas de mudança proveniente da agricultura com derrubada de florestas e construção de campos. Este tipo de intervenção já ocorre desde que o país vem sendo habitado. Se pensarmos que dois elementos vegetais importantes como os coqueiros e as bananas, fundamentais para a imagem do Brasil, não fazem parte de nossa vegetação nativa, e que foram introduzidos logo no princípio da colonização, perceberemos que um conceito importante é o de paisagem, sempre sujeita a transformações.

É aqui se insere o projeto *Low-Tec Garden* de Melissa Barbery. Se o homem, nas mais distintas culturas alterou seu território para criar uma “outra” paisagem ao longo dos séculos, movido por uma necessidade de conforto e adequação do lugar aos seus desejos mais sutis de relação com a natureza, nada mais natural do que o jardim de Melissa, que vive mergulhada na tecnologia, refletir sua relação com virtualidades.

Dos Jardins da Babilônia, aos jardins japoneses, franceses e ingleses, características particulares do modo de vida, das aspirações de seus criadores e

de cada cultura em particular foram inscritos nessas paisagens modificadas. Assim, Barbery também lança mão de elementos, sejam os bibliográficos, como textos críticos referenciais, livros, como *A Invenção da Paisagem*, da filósofa francesa Anne Cauquelin, e até mesmo guias de jardinagem e catálogos de produtos eletro-eletrônicos. Aí, se inscreve um momento importantíssimo e particular do percurso, que é o seu caráter processual: o desenho de um projeto. O *Low-Tec Garden* não é um jardim frio, construído dentro de uma métrica de quantidade de mudas, de planos e tons de cores, como alguns paisagistas insistem em fazer, em que certa artificialidade e a falta de relação entre elementos e lugar imperam. O jardim de Barbery é fruto de experimentação de vida e se aproxima das propostas de Burle Marx. Há um respeito por parte da artista com cada detalhe, que, pouco a pouco, vão sendo compreendidos, experimentados e articulados. A vida parece pulsar em seus elementos tecnológicos, numa experiência tão lisérgica quanto adentrar numa floresta virgem. São tantos os matizes, e as mudanças de luminosidade que parecemos mergulhar numa outra natureza; é a isto mesmo que Barbery nos convida com sua obra.

O jardim ainda não está concluído. Por enquanto, é possível observar o cultivo de alguns ambientes, a elaboração de canteiros específicos, experiências de percurso, mas já podemos ver que algo de bom foi plantado. Só resta aguardar o tempo certo para nos depararmos com a paisagem que nos será revelada, um ambiente de outra natureza!

Orlando Maneschy

Prof. Dr da FAV/ICA/UFGA – Artista e Curador Independente

Junho/2007